

A MIGRAÇÃO DE MULHERES DO VALE DO JEQUITINHONHA PARA SÃO PAULO: DE CAMPONESAS À PROLETÁRIAS*

Maria Aparecida de Moraes Silva**

* Auxílio CNPq e FUNDUNESP

** Professora junto ao Departamento de sociologia - UNESP - Araraquara - S.P.



FOTO: Iolanda Huzak

"Tenho uma vida enrolada. Não quero vir prá cá, não quero ser empregada, quero ficá na minha terra, prantá as coisinhas da gente. Eu queria ficá lá com os parente da gente, a gente fica muito sentido sem eles, eu queria ficá na terra. Este negócio de greve e de Reforma Agrária, já ouvi falá, mais isto não dá nada certo. O certo é a gente cuidá do que é da gente, tê a força prá tocá a terra. Isto é que dá certo".

Maria, 50 anos (mais ou menos), de Minas Novas. Depoimento recolhido em junho/1985.

"O dinheiro de S. Paulo
É o dinheiro excomungado
Foi dinheiro de São Paulo
Que levou meu namorado".

Canção popular do Vale do Jequitinhonha. in Frei Francisco Van Der. Rosário dos homens pretos. Imprensa Oficial, B. Horizonte, 1981.

O objetivo deste trabalho é apresentar, a partir de dados preliminares de uma pesquisa que estamos desenvolvendo com mulheres migrantes do Vale do Jequitinhonha para a agricultura paulista (região de Ribeirão Preto)(1), algumas reflexões sobre o processo de transformação social que afeta milhares de camponeses.

(1) "Os queima-latas: trabalhadores rurais na agricultura paulista". Estudo das relações entre as unidades camponesas e a agricultura capitalista.

Visamos compreender a situação da mulher migrante num conjunto de relações: com a terra, o trabalho, a família, ou seja, buscamos não a análise individualizada desta mulher, o que caberia em outras situações, mas a análise de uma mulher cuja identidade passa pela propriedade ou posse da terra, de uma mulher camponesa vivenciando o processo de proletarianização(2), em virtude da migração. Para isso, impõe-se o entendimento

(2) Por processo de proletarianização entende-se o processo de perda das condições objetivas da produção (meios de trabalho e terra),

de vários fatores determinantes deste processo. Desde já afastamos a idéia de que a migração é

restando ao trabalhador a sua força de trabalho. Neste processo, o trabalhador resume-se a um possuidor de força de trabalho. Sua subsistência será garantida por intermédio da venda desta força de trabalho à outrem, ou seja, por intermédio do assalariamento. O comprador da força de trabalho distingue-se do vendedor pela propriedade da terra, dos meios de trabalho e do capital. Estabelece-se, assim, um ato de compra e venda entre proprietários e não-proprietários, isto é, proprietários e trabalhadores. Este processo não se faz de um dia para outro. É um longo processo envolvendo lutas e resistências por parte daqueles que são ameaçados de expropriação e se passa de diferentes maneiras, segundo os países e até mesmo as regiões de um mesmo país. Logo, a proletarianização é um processo histórico.

determinada por elementos subjetivos, isto é, as pessoas migram porque sentem desejo de fazer isto. A migração é um processo social, possuindo condicionantes sociais, políticos, econômicos, culturais que atingem os indivíduos independentemente de sua vontade. Há vários tipos de migrações: rural-rural, rural-urbana, urbana-urbana, urbana-rural.

No Brasil, o mais comum é a migração rural-urbana, o chamado êxodo rural. Nas últimas décadas, este êxodo foi extremamente acentuado. Em 1940, um pouco menos de 13 milhões de pessoas viviam nas cidades; em 1980, quase 81 milhões tinham seu domicílio no espaço urbano. A taxa de urbanização passou, neste período, de 31,23% para 67,62%.

A migração rural-urbana foi provocada, sobretudo, pelas transformações ocorridas no campo, neste período. Ou seja, a penetração do capitalismo na agricultura ocasionou a modernização dos instrumentos e meios de trabalho (tratores, máquinas, fertilizantes, novas sementes etc.), a concentração das terras nas mãos de grandes proprietários e a mudança na maneira de produzir.⁽³⁾

Assim, até a década de 1960, prevalecia na agricultura paulista um modo de produzir bastante diferenciado: as formas de parcerias e arrendamento coexistiam com o trabalho dos colonos, dos trabalhadores residentes nas propriedades e o trabalho familiar dos pequenos proprietários.

A partir de então, intensificou-se um processo de mudanças profundas nesta agricultura: grande parte dos cafezais existentes foi arrancada e em seu lugar surgiram outros produtos: cana-de-açúcar, laranja, milho, soja, a pecuária extensiva etc. As plantações de arroz, feijão foram deslocadas para ou-

tras regiões. O café passou a ser plantado sob novas formas: novas sementes, maior espaçamento entre as fileiras a fim de permitir a passagem de tratores para a distribuição de venenos e para as capinas mecânicas.

A mudança na maneira de produzir trouxe várias consequências, entre elas: aumento da produção e produtividade, concentração das terras, dissolução das formas de trabalhos. A parceria, o arrendamento diminuem sensivelmente. A pequena produção também sofre uma extrema redução em termos de área e do número de proprietários. Os colonos, diaristas, mensalistas praticamente desaparecem.

No bojo deste processo de transformações, que ainda está ocorrendo, o "bóia-fria" surge como forma de trabalho dominante.

Muito embora este tipo de trabalhador já existisse no período anterior, é somente agora que ele se configura como uma categoria específica desta agricultura.

Trata-se de um trabalhador rural, residente nas periferias das cidades ou em cidades-dormitórios, que se desloca em caminhões, peruas, ônibus ou camionetas para a área rural, diariamente, regressando às suas moradias no final do dia. Muitos deles trabalham em várias propriedades (cana, laranja, café, algodão etc.). Outros possuem emprego fixo nas Usinas. Outros não conseguem trabalho na área rural durante todo o ano, e por isso empregam-se também na área urbana, quando há esta possibilidade, como: serventes de pedreiro, empregadas domésticas, carregadores de sacos etc.

A região de Ribeirão Preto é aquela que concentra o maior número destes trabalhadores no Estado de São Paulo. De acordo com os dados do I.E.A (Instituto de Economia Agrícola), esta região empregava 33,65% do número total destes trabalhadores, considerando o conjunto do Estado de São Paulo, no período de fevereiro de 1979 a fevereiro de 1980.

Além destes trabalhadores, chamados "bóias-frias" "do lugar", durante o período de safras (maio a setembro) chegam outros que são originários do Vale do Jequitinhonha, do Paraná e de regiões do Nordeste. Na região de Ribeirão Preto, são conhecidos como "queima-latas".⁽⁴⁾ Formam um contingente de homens, mulheres, velhos e crianças. Vêm todos os anos. Alojaram-se nas pensões das



cidades-dormitórios, nas periferias e também em barracões construídos nas fazendas e alojamentos nas Usinas. Com o término das safras (cana, café, sobretudo) regressam a seus locais de origem ou se dirigem à outras regiões do país. Os mineiros, segundo seus próprios depoimentos, migram para outras áreas do Estado de Minas Gerais, empregando-se no corte de madeiras e carvoarias. Para uns, o período de ausência do lugar da origem varia de 4 a 6 meses. Para outros, chega a 8 meses.

Este é um processo de migração temporária rural-rural, possuindo características de uma migração circular, isto é, os migrantes partem mas voltam ao mesmo local. Esta migração temporária-circular ocorre porque, em geral, estes contingentes são camponeses que possuem suas terras e buscam empregos assalariados nas plantações capitalistas. Do ponto de vista

(4) "Queima-latas", Expressão surgida no cotidiano de suas vidas. Preparam a alimentação em latas de querosene ou óleo que por possuírem uma estrutura fina, geralmente, favorecem a queima dos alimentos.

(3) Por maneira (ou modo) de produzir entende-se a combinação entre a força de trabalho (fornecida pelo trabalhador) e os meios de trabalho (instrumentos de trabalho) e objeto de trabalho (terra).



Foto: Iolanda Huzak

da produção agrícola capitalista, esta migração temporária constitui-se numa ótima solução para resolver os problemas de maior demanda de mão-de-obra durante a fase das colheitas.

Esta migração, por definição supõe que estes trabalhadores tenham outros meios de subsistência durante os outros períodos do ano. Caso contrário, estes trabalhadores dependeriam, totalmente do trabalho assalariado ou desapareceriam como fonte de mão-de-obra para as plantações capitalistas.

Portanto, através desta migração, estabelece-se uma relação entre duas formas de produção agrícola diferentes, a produção capitalista e a camponesa (5).

(5) Esta situação é encontrada em vários países da América Latina. Ver a respeito Balan, Jorge. Estructuras agrárias y migración interna en una perspectiva histórica: estudios de casos latinoamericanos. In Revista Mexicana de Sociología, Año XLIII/Vol XLIIINúmero 1, Enero-Marzo de 1981, pgs 141-192, especialmente pg 182.

Cabe-nos, agora, feitas estas considerações, ainda que de maneira rápida, mostrar como se dá esta relação, como ela contribui para acelerar o processo de proletarianização dos camponeses, diferenciando homens e mulheres.

O mundo de antes: a mulher na terra com sua gente

Na parte ocidental do Vale do Jequitinhonha, na região das minas, predominam as terras altas e irregulares do planalto mineiro, constituindo as chapadas, conhecidas como veredas ou grotas.

Esta região foi uma importante área de mineração no séc XVIII, atraindo muitos habitantes de outras regiões; cuja principal preocupação era a procura das pedras preciosas. A agricultura que se desenvolveu foi a pequena produção de alimentos, como atividade sub-

sidiária, pela população de poucos recursos. Com a decadência da mineração, as populações mais pobres espalharam-se pela área rural, dando origem ao campesinato ali hoje estabelecido (6).

Como descrevem os autores citados na nota abaixo, esta população camponesa desenvolveu um modo de vida bastante peculiar, caracterizado por uma forma independente de organização social (7).

Trata-se de um modo de vida onde a natureza articula-se ao homem de uma maneira muito estreita. A natureza não é vista como fonte de lucro. Ela é meio de vida para o homem. Cria-se assim uma relação de harmonia entre homem e natureza. O homem passa a considerar a natureza, em especial a terra, como um prolongamento de

(6) Graziano, E. e Graziano Neto, F. — As condições da reprodução camponesa no Vale do Jequitinhonha. In Revista Perspectivas, S. Paulo, vol. 6, 1983, pg 86.

(7) Idem ibidem, pg 88.

seu próprio corpo. Assim, apropriar-se da terra significa, antes de mais nada, a garantia de sua própria sobrevivência (8).

Na região das minas, no Vale, existem duas formas de apropriação da terra. Uma, caracterizada pela apropriação privada das áreas úmidas das grotas, onde os camponeses estabelecem sua moradia e outra, de forma coletiva das áreas planas e altas das chapadas (9).

Nas áreas privadas, estabelecem-se a moradia, as atividades domésticas e produtivas dos camponeses. Nas áreas coletivas, as atividades são a coleta de frutas, caça, obtenção de madeiras, raízes e também a criação de animais, quando os pastos privados secam e até roçados de mandioca (10).

Os produtos das chapadas são de todos, seu uso e consumo são socializados. Observa-se aí uma semelhança com a organização das terras na Inglaterra, antes do processo de expropriação camponesa realizado pelas relações capitalistas. As terras comuns funcionam como complemento das terras privadas. Elas contribuem para manter o equilíbrio na satisfação das necessidades dos camponeses.

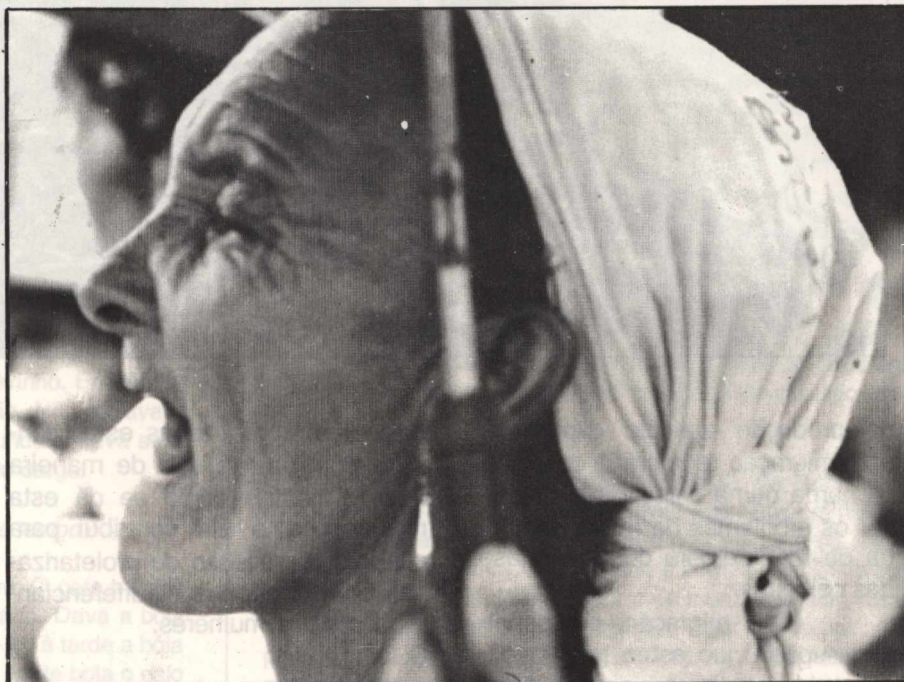
Esta formação de apropriação da terra difere, profundamente, da apropriação privada capitalista, onde a terra é vista como meio de obtenção de mercadorias destinadas à venda. Procura-se o lucro. A terra transforma-se em meio de produção, em algo separado do sujeito, do seu proprietário. Não há unidade entre sujeito e objeto. Da mesma forma, os homens acham-se separados uns dos outros. Há uma individualização das relações sociais.

A citação seguinte pode esclarecer melhor nosso raciocínio: "(A economia camponesa) distin-

gue-se da economia capitalista por suas unidades de produção e consumo combinadas, por sua mão-de-obra familiar e pela ausência de valores mercantis. A estrutura da família camponesa..., assim como as práticas de ajuda mútua entre os camponeses ... dão como resultado uma tenaz resistência da economia às transformações capitalistas" (11).

Portanto, além da relação diferenciada com a terra, surge uma forma específica de relação dos homens entre si, baseada em princípios de ajuda, (o mutirão), de

Nestas unidades camponesas, a terra e o trabalho são os principais fatores da produção. Inexiste a mecanização. Os instrumentos de trabalho são basicamente a enxada, o enxadão e a foice. Algumas empregam o arado puxado por animais. O emprego de fertilizantes, venenos também é inexistente. As sucessivas plantações vão contribuindo para a perda gradativa da fertilidade natural das terras, o que não é combatido em virtude da inexistência de recursos por parte da maioria dos camponeses. Gera-se, deste modo, uma situação de carências provocada



cooperação entre parentes e vizinhos. As relações sociais não se baseiam na individualização por que o objetivo não é a concorrência para a obtenção de lucros, e sim a sobrevivência. Não existe aqui a lei, "cada um para si". Não há necessidade de uns explorarem o trabalho de outros, porque a organização social do trabalho não é determinada pelo princípio da acumulação de riquezas.

(11) Laite, J. - Expansión capitalista, migración y diferenciación social entre los campesinos de Perú. In Revista Mexicana de Sociología, Año XLIII, Vol XLIII, Número 1, Enero - Marzo de 1981, pg 194.

pela "fraqueza da terra". Os relatos destes camponeses pobres confirmam o que acabamos de expor.

"Lá, a gente roça o mato, destoca, planta, não tem esterco, não tem nada, adubo, nada, nem remédio prá matá as formigas. O adubo é a foia do mato, é a foia do mato que esterca".

"Tem muita formiga, a veis, a formiga come tudo o trabaio da gente. A gente trabaia o ano inteiro prá formiga. Nós não planta arros por causa das formigas. Elas come tudo as mudinhas. É uma praga".

(8) Sobre este aspecto ver Marx, K. - Formações Econômicas pre-capitalistas. Introdução de Eric Hobsbawm. Paz e Terra, 3ª edição, R.H.J., pgs 85-87.

(9) Graziano, Idem ibidem, pgs 88-99.

(10) Idem ibidem, pgs 89-90.

"Desde que entendi por gente, os mineiros vêm prá cá. Lá a gente não tem saída. Se a gente não vem, como é que faz, num dá, é preciso vim, a terra é fraca".

Os depoimentos mostram uma situação bastante homogênea entre estes camponeses. A "fraqueza da terra" aparece como o motivo principal da migração, uma vez que não há condições para a apropriação de outras terras férteis na sua região. Mais adiante explicaremos este aspecto.

O trabalho é distribuído entre todos os membros da família: homens, mulheres e crianças. Não existe uma divisão sexual rígida do trabalho, isto é, as mulheres não exercem apenas atividades diferentes das dos homens. Cabe a elas o trabalho na casa (limpeza, preparação dos alimentos, cuidado das crianças), na horta e na criação de pequenos animais: galinhas, porcos. Mas não é apenas aí que a mulher trabalha. Além desta esfera que chamamos de doméstica, que inclui o trabalho na casa e nas suas proximidades, a mulher trabalha na roça: na preparação do terreno, capina, destoca, plantio e colheita. Nesta esfera, considera-se o trabalho da mulher como "ajuda" ao homem, isto é, quando há "precisão", ela trabalha na esfera produtiva (roça).

Portanto, no tocante às mulheres, não existe uma separação rígida entre casa e roçado. Ela transita por estes dois espaços⁽¹²⁾. Ainda cabem às mulheres as atividades da indústria doméstica: ra-

padura, aguardente, artesanato de barro, tecelagem do algodão, que contam com a ajuda dos filhos menores.

Embora não tenhamos mais elementos para apontar as possíveis diferenciações no tocante ao que é "trabalho" e "ajuda", tais como foram encontradas no NE (ver nota 12), pois a nossa pesquisa está em andamento, ressaltando que as mulheres fazem ou podem fazer todos os serviços nestas unidades camponesas, dependendo não só do ciclo produtivo, como também da ausência ou permanência do marido e filhos adultos na terra. Quando estes se ausentam, migrando temporariamente, as mulheres assumem todas as tarefas.

"Desde 1951 que saio de minha terra todos os anos. Já fui prá Maringá, Franca, Valparaíso, Paraná. Fico 5 ou 6 meis fora e depois vorto prá casa, conforme a colheita. Não gosto de deixá a família. Saio porque sou obrigado. A muié cuida da roça".

"Quem cuida da terra é a mãe e uma irmã" (depoimento de um rapaz solteiro).

"A maió parte do trabalho na minha terra é feito pela muié".

Esta realidade parece indicar que, quanto maior o período de ausência do marido e filhos adultos, maior tende ser a participação do trabalho da mulher na terra, em todas as fases do ciclo produtivo agrícola. Em virtude da produtividade baixa provocada pela "fraqueza da terra", a produção destina-se à subsistência. Não há, praticamente, sobras para a venda. Daí, a necessidade do assalariamento do marido e filhos adultos para completar os poucos recursos auferidos na parcela.

"Venho prá cá porque não tem outro jeito. Prá comprá gordura, querosene, pagá o armazém, a gente tem que saí, se não, não paga o armazém".

"A terra, é importante a gente tê ela, se não tem a terra não dá prá vivê. A gente acostumou, mais também o serviço é im-

portante; é com o serviço que a gente paga o armazém. Roupas, sabão, querosene, a gente compra no armazém. O dono do armazém espera a gente vortá prá pagá ele. As veis a gente tira do mantimento prá podê pagá a dívida do armazém".

Esta pesquisa tem mostrado que as mulheres são as últimas a migrar. Este processo atinge primeiramente os homens e filhos adultos. A saída das mulheres da parcela significa o início de um processo de abandono da terra, pois esta já não garante mais as possibilidades de subsistência. Este momento representa o último esforço de resistência à proletarianização definitiva.

Nos depoimentos fica claro o caráter transitório da situação de assalariamento do homem. A permanência da mulher na terra garante a volta do homem, a continuidade da propriedade da terra e também da situação de camponeses, pertencentes àquele lugar, àquela gente. Porém, isto não consegue impedir o processo de proletarianização do grupo familiar como um todo, apenas o retarda.

Neste ponto, uma questão se coloca. Por que este processo é acompanhado desta resistência, já que a terra pouco, ou quase nada oferece? A resposta está em se entender os camponeses não só no espaço do trabalho na terra, enquanto meio de vida, mas de entender a terra num universo simbólico, isto é "a terra da gente é o lugar da gente, lá que é o lugar da gente. Aqui a gente tá no meio do desconhecido". Portanto, a relação com a terra envolve aspectos espirituais, sociais, culturais. Se na sociedade capitalista, a mercadoria comanda as relações dos homens entre si, nestas sociedades camponesas, estas relações se definem através da terra. "... a relação do camponês com a terra põe em causa sua vida espiritual. A noite, o dia, a chuva e o sol, a estação de plantio e da colheita, o trabalho de alguns e o mutirão, a festa e o canto ... são muitas as dimensões so-

(12) Estes aspectos são encontrados em unidades camponesas do NE, muito embora, eles definam uma situação específica das mulheres em torno do que é "trabalho" e do que é "ajuda". "Não obstante, embora as atividades que se realizam no roçado sejam consideradas trabalho por oposição às atividades próprias da casa, dentro das atividades agrícolas há algumas tarefas que são especificamente femininas, tais como a sementeira ou limpeza dos cultivos, tarefas estas que na medida em que são realizadas pela mulher perdem o caráter de trabalho e passam a ser denominadas ajuda". Heredia, B.M.A. et alii - O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas. In Aguiar, N. (org.) Mulheres na força de trabalho na América Latina. Ed. Vozes, Petrópolis, 1984, pg 31.

ciais e culturais que se criam e recriam na relação do camponês com a sua terra, lugar" (13).

A Mulher fora da terra, longe de sua gente

Nos anos 70, foram implantados vários projetos governamentais no Vale do Jequitinhonha(14), visando modernizá-lo. O resultado destes projetos foi a aceleração do processo de expropriação dos camponeses(15). Grandes companhias apropriaram-se de áreas gigantescas de terra. As primeiras apropriações deram-se nas terras comuns dos camponeses, já que elas juridicamente não se contitufam como propriedades privadas. Muitos camponeses que tentaram, via crédito bancário, mudar a sua maneira de produzir, acabaram perdendo as terras para saldar as dívidas.

Esta situação acelerou o processo de proletarianização, na medida em que o tempo de assalariamento foi se tornando obrigatoriamente maior e a saída das mulheres, mesmo aquelas com filhos menores, tornou-se necessária.

É neste contexto que entendemos o assalariamento das mulheres nas plantações de cana e café na região de Ribeirão Preto.

No momento anterior, onde somente os homens adultos migravam, as mulheres assumiam o trabalho na terra. Na verdade, esta estratégia representava uma resistência ao processo de proletarianização do grupo familiar como um todo. Agora, a saída da mulher provoca mudança, na organização do trabalho na terra (espaço produtivo) e na esfera doméstica.

(13) Ianni, O. - A utopia camponesa. IX Encontro Anual da ANPOCS - Águas de São Paulo. 23 a 25 de outubro de 1985, pgs 12-13.

(14) Voll, V.L. - Ação do Estado e produção de subsistência numa região do Vale do Jequitinhonha. Dissertação de Mestrado, apresentada à ESALQ. Piracicaba - 1984.

(15) Ver além de Voll, Graziano e Graziano Neto, Silva, M.A.M. et alii. Queimando-lata, sem eira nem beira. In Revista Perspectivas vol. 8, 1985, pg 41-73.

Vejamos cada um destes elementos em separado, muito embora, eles sejam inseparáveis, a nível do cotidiano dos camponeses.

As tarefas assumidas pela mulher no roçado (terra) referiam-se à capina, destoca e preparação do terreno para o plantio que coincidia com a volta do marido e filhos adultos. A saída da mulher representa a não realização destas tarefas e conseqüentemente o comprometimento da produção agrícola.

No que tange ao trabalho da esfera doméstica, verifica-se pelos depoimentos, que as mulheres contam com a colaboração de mulheres mais velhas (avós, vizinhas, parentes) na guarda dos filhos menores e no cuidado da casa e do quintal. Trata-se, no entanto, de uma ajuda provisória e onerosa, tendo em vista a idade e estado de saúde destas mulheres. "Preciso ir embora, minha mãe é doente, não cuida bem das crianças. Tenho a roça também prá cuidá. A vida é dura, dura porque a gente que é mãe não pode largá os fios (filhos) assim ... Mais, trazê, como? Não dá, é muito duro...." (Interrompe a fala e chora).

"Deixei os fios com a mãe. A preocupação é grande demais. Viemo em 5 muié e mais 2 menino. A gente vai na cidade e lá eles sabe quem vem, e aí a gente vem junto".

"A gente vive neste mundo, num sabe bem prá quê. A minha mãe tá perrengada prá cuidá das crianças, é muito véia. A minha menina é doente. Fico preocupada, a gente farta é endoidá".

Os depoimentos registram a insatisfação, o sofrimento e a tristeza destas mulheres. Na verdade elas sofrem um processo de perda: perda da terra, da vida na terra e da vida com sua gente, com seus filhos. É um desenraizamento ... "a gente farta é endoidá". Elas sentem que como mães, reprodutoras, não podem deixar os filhos, mas também não podem trazê-los e lá, com os filhos, não podem ficar. Não têm saída. "A gente sabe o quê vem prá nós".

Neste momento, elas negam o "outro". "Aqui não é lugar da gente". Recusam. Esta recusa é alimentada pela violência latente que permeia as relações de trabalho na cana e no café, presente nos barracões. Enquanto trabalhadoras, elas são discriminadas pelos salários mais baixos em relação aos dos homens, pela ausência de carteira assinada. "Não sei bem quanto eu ganho aqui. Um dia é 10 mil (em cruzeiros, 1985), outro dia é 7 mil. A gente se confunde com este preço". "Aqui a gente não tem registro, nem contrato. A gente trabalhava por empreita. A gente sabe que tem os Direito, mais a gente não recebe. O patrão pediu a carteira, mais a gente até agora não sabe se ele vai assiná ou não. Nois fiquemos sabendo que das muié, ele não vai assiná".

Os salários baixos constituem num outro componente desta violência. "Só eu que trabaio (a mulher é viúva), porque os fios é pequeno. Aqui, passo até farta de cumê, prá pudê sobrá alguma coisinha. Se a gente fizé as conta na ponta do lápis e vê o que a gente gastô com a passagem, cumida, que a gente comprô, o que a gente leva é pouco. Se não aperreá, não sobra nada Nois chora por causa dos meninos, mais como ir lá? E a dispesa? Se fosse prá ir de pé a gente ia ... tenho uma menina pi-quininha ...".

No barracão, a violência latente atinge a todos(16). Aí não há separação das famílias, de casais, das crianças. A construção é feita para abrigar o maior número de pes-

(16) Entrevistei as mulheres e homens em junho de 1985, num barracão de uma fazenda no município de Altinópolis. Este barracão está localizado próximo às haras de cavalos de raça, de construção moderna com luz elétrica e água encanada. Estes cavalos concorrem à prêmios nas festas de leite locais e constituem para o proprietário, um "hobby". Neste barracão, havia 4 quartos, 4 beliches e 12 camas para um total de 52 pessoas. Num dos quartos, dormiam 1 casal, 1 menino de 7 anos na mesma cama da mãe e mais 7 mulheres. Em frente aos quartos, 5 fogões à lenha e mais 2 trempas. Não havia luz elétrica e nem água encanada. A roupa era lavada num córrego que passa ao fundo, separando o barracão das haras.

soas. Neste barracão os camponeses preparam a comida, lavam a roupa e dormem. Acham-se isolados, pois os trabalhadores residentes moram longe deste local. Verifica-se que o barracão serve para o patrão como meio de controle desta mão-de-obra(17).

Ademais, na medida em que as pessoas são obrigadas a viver neste ajuntamento promíscuo, "dorme todo mundo junto", sem levar em conta as diferenças de sexo, idade, estado civil, parentesco, observa-se o desenrolar de um processo de desestruturação social e cultural destes camponeses. O resultado é a violência aberta e o conflito entre eles próprios. "Barracão dá muita briga, muita confusão, talvez tem um pai de família que tá carregado, tem um bocado de filho, se acaba com o pai de família ... bagunça demais ..." (depoimento retirado do material fornecido pelo SESC-S.P. durante a exposição "O de casa, com licença ... do Jequitinhonha ao Canavial" 10 a 29 de junho de 1986).

Portanto, trata-se de uma violência latente, implícita, representada pelo barracão. O barracão não assume as feições de moradia. É muito mais, o lugar onde se guarda um dos elementos do processo de trabalho, no caso os trabalhadores.

Assim, a violência atinge os dois espaços, o produtivo (local de trabalho) e o reprodutivo (barracão). Os dois constituem o mundo do outro, do patrão, do capital. Aí, a "terra não é da gente", "a casa não é da gente". É o desenraizamento de homens e mulheres. Ambos sofrem o mesmo processo de perda da identidade. Para o patrão, as diferenças entre eles aparecem nos salários menores e ausência de

carteira assinada. Ambos reagem a esta violência, pelo desejo da volta "ao lugar da gente".

"No lugar da gente" os princípios de ajuda mútua preservam a solidariedade entre os camponeses. Aqui, não. "Tudo é debaixo do dinheiro. Outro dia, o menino foi buscá leite na fazenda, mais o cardeirãozinho vortou vazio, o homem não deu não, e eu não tinha dinheiro ..., o fiscal paga a gente cada 15 dias".

Palavras finais ...

Muito teríamos, ainda, que escrever sobre estes homens e mulheres. As idéias que expusemos serão melhor tratadas a partir do término de nossa investigação.

Entretanto, a nossa exposição tentou mostrar que não é possível tratá-las separadas dos homens e da família. Sua identidade define-se no interior da família. Elas não buscam a individualização. Ao contrário, resistem a ela, voltando à terra, e ao lugar. Resistem ao processo de transformação dos camponeses em meros fornecedores de força de trabalho. Querem preservar seus papéis de produtoras nas suas terras e reprodutoras (trabalho na casa e enquanto mães). As diferenças que existem no interior da parcela camponesa entre homens e mulheres, como vimos, não refletem níveis de exploração das mulheres pelos ho-

mens. As diferenças, aí, são diferenças de gênero (sexo) - que não se caracterizam pela igualdade entre homens e mulheres - não atravessadas por relações de classe, isto é, uma classe explorando outra(18).

Quando elas assalariam-se, sua condição de ser mulher toma outras formas. Não se trata mais de trabalharem segundo as normas existentes na parcela (a "precisão, o trabalho na terra quando o marido e filhos se ausentam, o trabalho na casa). Trabalhar, agora, significa outra coisa; significa tempo de trabalho, por isso "não pode perder dia", precisa levantar às 4 hs da manhã; significa trabalhar por um salário. O produto do seu trabalho não é o arroz, feijão, mandioca, mas o dinheiro.

O "ser mulher", agora, significa receber menos, não possuir carteira, ser discriminada, isto é, ser mulher trabalhadora e deixar de ser mulher camponesa. Esta passagem elas não entendem: sofrem-na. Não compreendem o que significam as classes numa sociedade capitalista, diferente do seu lugar. Por isto querem voltar. Choram de saudade dos filhos, da terra. Cada volta é marcada pela esperança de nunca mais precisarem regressar. Querem "ser mulher" na sua terra, com sua gente ... e não "ser mulher" aqui. Agarram-se à esperança, para, algum dia, serem sujeitos desta história.



(18) As relações de gênero (diferenças de sexo) foram tratadas a nível da organização do trabalho sob o aspecto da divisão do trabalho entre homens e mulheres. No decorrer da pesquisa, investigaremos se há uma oposição masculino-feminino nesta divisão.

(17) Assim que cheguei, o fiscal da fazenda compareceu ao barracão perguntando-me o que queria com os trabalhadores, se havia ido lá para lhes falar de greve ou de reforma agrária.

Ver também sobre o barracão como forma de controle. Thomaz, Jr. A. Barracão: Forma de controle de mão-de-obra rural recriada pelo capital. Os mineiros na região de Jaboticabal. In Boletim Paulista de Geografia nº 60, São Paulo.